



Desnorte de Susana Anágua

“Procuo ter algo de encantatório para devolver a contemplação à obra de arte”

SUSANA ANÁGUA está a tomar-se um nome incontornável da arte em Portugal. Concluiu o Curso Avançado de Artes Plásticas pelo Ar.Co em 2000, a Licenciatura em Artes Plásticas pela ESTGAD em 2004 e nos três últimos anos parece firmar-se como uma nova referência: participou no projecto das 7 Maravilhas de Portugal com uma intervenção no Mosteiro da Batalha, no Project Room comissariado por Isabel Carlos na ArtelIsboa 07, na colectiva Sines Local no Centro Cultural Emérico Nunes em Sines e na colectiva 7 Artistas ao Décimo Mês do Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão (CAMJAP) da Gulbenkian. Agora expõe individualmente no CAMJAP da Gulbenkian um conjunto de trabalhos que denominou *Desnorte*. Os trabalhos expostos procuram apresentar uma ausência de referências, embora tenhamos patentes as três coordenadas fluorescentes necessárias à orientação?

A ideia é essa: dá e tira. Essa é a lógica dos nossos dias. Sempre que te sentes orientado, sentes-te perdido outra vez. A ideia das três coordenadas fluorescentes é também essa: a dar e ao mesmo tempo tirar. Quando a luz se



acende as coordenadas não se vêem. Todos os elementos estão a funcionar, perversamente, contra ti. Tudo o que poderia orientar-te e dar-te o Norte é exactamente aquilo que te desorienta. O título *Desnorte* é muito concreto. É tudo muito claro. Eu não codifico muito o que faço. Esta é uma exposição de *Desnorte*: usei mais de duas mil bússolas, apresento um radar e o trabalho que, talvez, tem um código mais difícil de procura do Norte seja o bicho, porque não o conhecemos à partida nem sabemos que ele se orienta pelo espaço. Aquele tipo de bichos – chamam-



Tudo o que poderia orientar-te e dar-te o Norte é exactamente aquilo que te desorienta

-se *geometers* – é cego e é essa ideia que faz a metáfora deste trabalho. Se estás desorientado ficas cego, ficas perdido, não vês onde estás, tens de apalpar terreno, como o bicho. Há alguns anos procuravas “máquinas românticas”. O percurso desta metáfora ao desnorte foi gradual ou é um salto?

Neste trabalho, o único aspecto que penso que está fora dessa ideia de paisagem romântica associada às máquinas é, de novo, o vídeo do bicho, mas tem o romantismo da paisagem e da caminhada, porque o bicho foi encontrado durante a caminhada que fiz

numa residência de artistas em que nos perdemos efectivamente, e foi nessa altura que encontrei o animal. Nessa altura pareceu-me logo estranho, quase magnético, percebi logo que era cego, tacteava o espaço, parecia meio perdido, mas foi o único trabalho que saiu fora do âmbito da procura das máquinas, embora ele o pareça, na sua forma de se locomover.

Consideras que há conteúdos no teu trabalho?

Hoje há muitos trabalhos que ignoram os aspectos poéticos e desenvolvem-se dentro de uma perspectiva conceptual, de forma a serem processo, processo, processo... Eu procuro sempre que haja um efeito visual que seja muito poético também. Procuo sempre um romantismo poético, mas não ignorando o conceptual. As obras podem ser conceptuais, mas no seu efeito final, na sua materialização, serem também contemplativas. Eu procuro ter sempre algo de encantatório para devolver a contemplação à obra de arte.

+ Susana Anágua, *Desnorte*
CAMJAP da Fundação Gulbenkian
Rua Dr. Nicolau de Bettencourt Lisboa
Até 26 de Outubro
Terça a domingo das 10h às 18h